

# MANFREDI INCISA DE CAMERANA

## Fala sobre COMIVE

**entrevistador (08:07) – as conversações começam, e se estabelece a COMIVE e o embaixador é enviado como responsável? Como foi o trabalho, quais foram as dificuldades?**

**Manfredo (08:13)** – exatamente, no momento da minha nomeação como presidente da COMIVE, em representação dos mediadores, a partir daquele momento tinha duas funções, era embaixador da Itália, e portanto representava o governo, e segundo era representante dos mediadores, não que houvesse uma diferença marcante. Todavia me senti a partir daquele momento envolvido no processo de paz. E desde o início o meu objetivo era aquele de transformar a COMIVE em instrumento do processo de paz. Aquilo que tive de fazer era evitar que a COMIVE virasse uma espécie de tribunal porque efetivamente as violações por parte da Renamo no acordo de cessar fogo eram recorrentes. Não sei se era a Renamo responsável ou se era a criminalidade em geral. Recordamos que havia fome em Moçambique, então os assaltos aos vilarejos eram somente para buscar comida. Não havia choque militar entre as duas forças militares. Portanto eu me encontrava na COMIVE a escutar as acusações que vinham continuamente endereçadas à Renamo. E eu então buscava primeiramente ajudar os representantes da Renamo a responder às acusações, mas não de modo polêmico, mas de um modo que fizesse a Renamo aparecer o menos responsável possível. De fato nunca houve acusações por parte da COMIVE à Renamo. Mas virou para mim, e eu trabalhava nessa direção, um momento de diálogo entre militares, militares do governo e da Renamo. Assim eu me colocava lado a lado ao diálogo de Roma, onde estavam só os políticos discutindo. Isso me criou muitos problemas também porque eu era acusado de não usar a COMIVE com base nas suas finalidades previstas pelo acordo. E foi muito difícil, era criticado seja pelo governo que pela Renamo, mas sempre pelos políticos, não pelos militares. E também outros países, outros colegas que eram membros da COMIVE, não entendiam o porque eu defendesse a Renamo mesmo diante de acusações que para eles pareciam óbvias. Eu não deveria por nada, porque assim colocaria a Renamo em uma posição intransigente, interferiria nas negociações. Pelo contrário, o uso da COMIVE como instrumento de pacificação, atenuou muita aspereza e rigidez das partes. Mas o segundo elemento importantíssimo foi que a COMIVE passou a ser uma maneira para se dialogar com Dhlakama. Porque eu dizia ao representante da Renamo, o general: diga ao presidente de prestar atenção, de dar ordem aos seus militares de não cometer ataques, de não fazer guerra, porque é perigoso para todos. Ao mesmo tempo eu tratava os três da Renamo no melhor modo possível, pare mostrar-lhes que era melhor viver na cidade que no mato. Além disso, a população de Maputo não reagiu negativamente em relação a esses oficiais da Renamo, e que iam ao supermercado com o uniforme. E no início eu tinha medo, dado que a maior parte da população de Maputo era vítima da guerra, tinha medo que houvesse comportamentos hostis. Mas não. Eu favorecia também esses tipos de encontro para mostrar que no final das contas eram todos moçambicanos, que não se diferenciavam muito e que a convivência era possível. E assim eu levei adiante essa minha posição.

**Entrevistador (14:11) – pode se lembrar de alguns créditos que algumas das operações de verificação chegaram a ter alguma dificuldades logística séria, etc...**

**Incisa (14:29)** – infelizmente tinha isso também, que a COMIVE não tinha os instrumentos práticos para poder intervir, portanto não podíamos fazer inspeções. Tínhamos um time a **Ximo** que cobria o corredor de Beira, mas tivemos inúmeras dificuldades. Deveríamos criar outros times para controlar, o Moçambique é três vezes maior que a Itália, enfim um país muito grande. E não tínhamos os instrumentos financeiros, e não se podia fazer as inspeções com carros porque as estradas eram impraticáveis devida à atividade da Renamo. Portanto, eramos muito criticados, isso é verdade. Mas a um certo ponto eu mantinha a minha posição. Dizia que a COMIVE é um instrumento da negociação, não é algo separado.